

26 de Fevereiro
de 1932

reporter.

Semanário das grandes reportagens



NESTE NÚMERO: As aventuras extraordinárias do húngaro da Praça dos Restauradores — Existe uma conjura internacional judaica? — História da medicina — Um indiano escamoteado — Quem rouba o ouro em Angola? — A vida sombria dos ex-homens — O mistério que envolve as cartas de Soror Mariana. — etc., etc.

Deite fóra todas essas águas, gotas, azeites e tantas outras drogas que lhe têm impingindo para pintar os cabelos.

Elas não são mais do que um assalto à sua bolsa... Mostre que é inteligente.

Veja o que os melhores cabeleireiros empregam nos seus magníficos trabalhos de pintura. Constatará que é só

K O M O L

KOMOL, dispondo de 18 cores à sua escolha desde o Preto ao Louro Rosado, permite-lhe em sua casa, e sem auxilio de ninguém resituir a cor natural aos cabelos em **15 minutos**. E eles, ficam macios, soltos e brilhantes, ninguém conhecendo que foram pintados.

CAIXA 25\$00

A' venda nos melhores estabelecimentos. Representante M. CABAL—R. Cam do Castelo Branco, 20 Telefone N 3831.— Depositário — FARMACIA OLIVEIRA, R. da Prata, 240 — Telefone 21415 — Agente no Porto — A. QUADROS Jor. — R. de Traz, 7, 2.º — Telef. 87

Fotogravura, Tricomia,
Bicromia, Zincogravura
e desenho

Executam-se com a maxima perfeição na

FOTOGRAVURA NACIONAL L^{DA}



Rua de Rosa, 273.
LISBOA
1 TELEF-20958

Descontos especiais em
gravuras para jornais e
revistas.

H O T E L

A M E R I C A N O

L I S B O A

Um grande hotel moderno

Um estabelecimento modelo que satisfaz os mais exigentes clientes

considerar modelar, acabando assim e n essa falta que nos envergonhava, construindo um excelente hotel, que à modicidade dos preços reúne a excelência dos serviços, satisfazendo, sem receio de confrontos, as pessoas mais exigentes.

Nos vários aposentos nada falta, sendo até de notar que tão confortáveis são os aposentos de luxo como os de menores preços—separadas as distâncias que inevitavelmente tem que existir.

E quando toda a gente poderia supôr que os preços seriam exagerados, surge-nos uma tabela que nos deixa incrêculos, pois é difícil conceber como com tão pouco dinheiro é possível servir tão primorosamente. Não se julgue que exageramos. Em parte alguma era possível tal milagre, que doutra forma não pode classificar o que o sr. Cecílio Fernandez conseguiu, o que lhe vale, sem favor, ter uma clientela que, pelo número e pela qualidade, é o melhor reclamo da sua casa.

Por isso, hoje, o Hotel Americano, o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, 73, reúne sempre o maior número de hóspedes dos hotéis de Lisboa, sendo também o preferido pelos comerciantes e mais pessoas da provincia que tendo negócios a tratar na capital, exigem um estabelecimento socegado, confortável em todas as suas categorias, onde o acoio e a limpeza permanente são dogmas intangíveis, e onde os preços, nos tempos difíceis de carestia que vamos atravessando, são absolutamente compatíveis com todos os orçamentos.

Eduado pelo dono e gerente do modelar estabelecimento, todo o pessoal do «Hotel Americano», solícito, amável, atencioso, auxilia a demarcar a boa impressão que em todos deixa o magnífico estabelecimento da rua 1.º de Dezembro, obrigando aqueles que uma vez o frequentaram a nunca mais preferirem outro.

NÃO há turismo, não há intercâmbio artístico ou cultural, em qualquer país do mundo, sem que haja bons e confortáveis hotéis. Quil e o sábio, qual é o artista desses grandes países, habituados ao requintado conforto, que se dispõe a visitar outra nação, quando de antemão já lhe foi dito que não pode dispôr de bons alojamentos?

E como se poderá fazer turismo se as pessoas que o praticam, dispõem a gastar dinheiro — mas sabendo-o gastar — não ignoram que não tem onde se alojar?

A estas perguntas respondeu magnificamente o sr. Cecílio Fernandez, instalando em prédio próprio, na rua 1.º de Dezembro, n.º 73, um estabelecimento que no género se pode

Homens & Factos do Dia

A Mascara dos Cadaveres

EXISTEM nomes que, só por si, substituem, com vantagem, certos corpos diplomaticos e todas as embaixadas que se organisam para a propagação de uma nação e de um povo. O nome do Dr. Azevedo Neves pertence a essa diplomacia extra e gloriosa. O illustre médico acaba de publicar em francês a conferencia que realizou, ha tempos, na Belgica—sob o titulo de «A Mascara do Cadaver». Poucas vezes uma lição rigida e profunda de sciencie exemplificada com a maxima loquencia de uma longa observação directa—alcança tal poder de sugestão e de emoção. A realidade gelada e agressiva das revelações do me tre—faz desfilar, ante a nova alma, todo um repertorio de grand-guignol como se em vez de ser um legista folheando os seus dossiers admiraveis—fosse um «Prince du Terreur» enlaçando uma fantasia oriental, a uma tecnica e á dramaturgia de um agitador de plateias.



Nenhum aspecto da vida interessa, impressiona, comove, intrigue o nosso espirito—como o da morte e tudo que com a morte se relaciona. Não é só o misterio do Fim, o inigma dos mundos ignorados, para além do conhecido; é a ideia do sofrimento, a preocupação da dôr física e moral que a nossa imaginação agigante pelas proporções do facto em si.

E' verdade ou não é verdade que o cerebro, o espirito do homem vive, ligado á materia, muito ou pouco tempo, após a paragem do coração e de todos os sintomas da morte? E' verdade ou não é verdade que, na maioria dos casos, os ultimos pensamentos, as ultimas sensações do agonisante ficam e-teriotipados na mascara do cadaver?

O Dr. Azevedo Neves, dispondo da maxima competencia, consequente da sua vasta erudição e da sua longa, atenta e apaixonada experiencia, inumerá uma série de fenomenos mecanicos (que me perdoem o termo) a que a mascara humana está sujeita, após a morte, que corresponde a tantas outras metamorfoses fisionomicas que, logicamente a vão afastando da expressão em que, seria possivel, se tivessem fixado as derradeiras sensações cerebraes e espirituais do individuo...

Contudo, não podendo (seria ridiculo o contrario) nem sequer grifar

a mais insignificante das afirmações do Mestre—que me seja permitido recordar alguns episodios ou lendas que zig-zagueiam pelos bastidores da historia... Conta-se por exemplo, (é o Dr. Cabanès, se não estou em erro, quem cita o facto) que á volta da morte de Margarida Renoir, amante de Luís XIV, correram graves boatos de crime, acusando um rival, menos venturoso, do soberano, de a ter assassinado, na alcova real. Acre-centou-se que o rei, para evitar escandalo, impedira todas as devassas—apressando o enterro para que a familia da pobre corteza não chegasse a tempo de vêr o cadaver. Os alviçareiros da tragédia cochichavam que Margarida Renoir tinha sido ferida de morte por um agulhão, ferramenta d'oficio do seu matador que bordava os tapetes mais formosos de Tellier—e que a ferida que lhe causára a morte, era tão insignificante que mal se distinguiria... Dez anos depois, já o Luís XIV prestava contas ao supremo Juiz, na Eternidade, quando a sepultura de Margarida Renoir foi aberta; e com pasmado terror os coveiros encontraram o corpo da bela corteza intacto—como se dormindo estivesse... E o seu rosto reflectia uma doce e voluptuosa alegria, soblinhada pelos labios que, sorrindo, pareciam oferecer-se a um beijo de amor. Este detalhe bastou para que se revivêssem os boatos da tragedia visto que eles assentavam na afirmação de que o assassino a surprendera no preciso momento em que ela beijava o seu real amante!

E' conhecido o carvão que Grevin, pai ou avô do fundador do Museu Grevin de Paris, fez de Marat, poucas horas depois do famoso incendiario de 93 ter sido assassinado no banho. Grevin era visinho de Marat—e foi dos primeiros a entrar no quarto tragico. O seu lapis, portanto, fixou a «mascara do cadaver», tal o encontrou. É Marat, cuja vida fôra tão violentamente arrebatada pelo punhal de uma fanatica—sorrisia; e no seu sorriso havia um pouco de ironia altiva e de sensualidade ardente. Se o rosto dos cadaveres relletisse, de facto, as últi-

reporter

O SEMANARIO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE PORTUGAL

GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE SENSAÇÃO NACIONALIS E ESTRANGEIROS—

Sai ás sextas-feiras e é posto á venda simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE C CAL

Director e Editor
REINADO FERREIRA
(REPORTER X)

Chefe da Redacção
COSTA JÚNIOR

Redacção, Administração e Publicidade
Rua do Loreto, 42-1.º - TEL. 28249 - LISBOA
End. Teleg. : I REPORTERX - LISBOA

Composição e Impressão

Tipografia das Publicações **ao**
Porto - Cancellaria Velha 89

PREÇO DE ASSINATURAS

3 meses—série de 12 numeros—Esc. 11\$50
6 " " " 25 " —Esc. 22\$50
12 " " " 52 " —Esc. 44\$50

Para as Colónias e Estrangeiro acrescentar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

mas sensações da vida—aquela expressão podia significar que Marat, ao receber nú, dentro do banheiro, uma jovem aristocratica que lhe pedia audiência—se sorria um pouco pela cilada que armava ao seu pudor de virgem e pela cubiça amorosa, que a sua formosura lhe provocara. Napoleão que delirou, á hora da morte, dando vozes de comando á invisíveis exe-

(Conclue na pag. 15)



O empregado da sapataria:
—A propósito... Agora me lembro que não comprei os presentes que a minha mulher me pediu.

As recentes revoltas nos presídios de «Colombus» e Dartmoor

O pesadelo da liberdade—O excesso de rigor na disciplina pode conduzir à revolta—Os presídios por dentro—O gesto abnegado dum presidiário—Próximo da Morte—No futuro...

«O homem é um animal de hábitos—diz o vulgo, e na verdade a tudo se habitua a besta humanal... A dor, o sofrimento, tudo sofre e aceita, excepto a perda da sua liberdade.

Justa ou injusta, a pena que está sofrendo, —e só eles sabem, tantas vezes, da verdade ou mentira do crime que expiam—, não ha um unico presidiário que não ancie constantemente, esperando ou desesperado, pela hora do seu regresso ao Mundo dos vivos, ao sol bendito da Liberdade.

Foi infeliz na vida, viveu só e sem amigos, não conheceu os carinhos da Mãe, nem a doçura do amor duma esposa? Foi esfarrapado, lutou e perdeu, a sociedade escarneceu de si e da sua desgraça? (Que importa? Quere voltar á vida, voltar a sofrer, que tudo é preferível á tortura do carcere.

Em cada presidiário ha, pois, sempre um occulto revoltado!»

Acabamos de reler este periodo flagrante de furtura e verdade numa carta que já ha meses nos chegou ás mãos e foi escrita por alguém que deixou de ser cidadão para ser apenas o numero 9... e terá de viver—cadaver, por longos anos ainda num dos grandes jazigos que a sociedade creou para os homens cujos erros não souberam ou puderam occultar a tempo.

Liberdade— eis a ambição, o sonho a esperança que perseguem constantemente, como o mais doce e doloroso pesadelo do pobre presidiário—qualquer que seja a sua culpa, qualquer que seja o presídio onde a espie. É uma observação que não conhece limites, é um querer que nasce na hora da entrada e não mais deixa de se impôr a todas as outras vontades e desejos, dominando tudo e todos, fazendo crer nas possibilidades mais inverosímeis e fagueiras do perdão ou da fuga.

E só assim se podem compreender as temeridades—verdadeiros atentados suicidas—cometidos pelos presos na mira de reconquistar a liberdade.



Mr. S. N. Roberto, governador do Presidio de Dartmoor

A disciplina, é um regimen higiênico e moral, porém, muito e muito ainda haverá a fazer para que a sociedade contemporanea não receie que no futuro a classifiquem de inventiva, creadora mas... pouco humana.

E quanto mais rigorosos são os regulamentos, mais germina o espirito de revolta.

Nos últimos anos têm sido frequentes os movimentos de revolta e protesto, levados a efeito em diversos presídios da America e na propria Inglaterra. Os mais recentes e importantes foram porém os de «Colombus» (Ohio) America e de «Dartmoor» em Princetown, Dewn, na Inglaterra.

Um «S. O. S.» alarmante

Eis como se passaram os factos em «Colombus»—de tal modo que dispensem bem a fantasia para emocionar o leitor. Estava-se em abril de 1930, em plena semana de Pascoa. As 18 horas de segunda-feira a estação T. S. F. do presídio transmite nervosamente o seguinte doloroso apêlo a todo o mundo:

«Enviem socorros: na prisão estamos quatro mil e quinhentos presos, cercados pelo fogo que alostra constantemente e em breve nos reduzirá a cinzas. Até agora o Governador do presidio limitou-se a pedir reforço de policia armada para evitar uma possível amotinação dos presidiários que houver de libertar das respectivas celas que as chamas já invadiram. Acudam! S. O. S...»

O presidiário que, a custa da propria vida, conseguiu atingir a estação rádio e transmitiu este emocionante grito de protesto e apêlo a toda uma sociedade indifferente era o numero 48.612, ali libertado da pena de prisão perpétua que lhe coubera por um crime passional a que o tinha levado o amor duma mulher—que hoje ainda vive feliz e considerada.

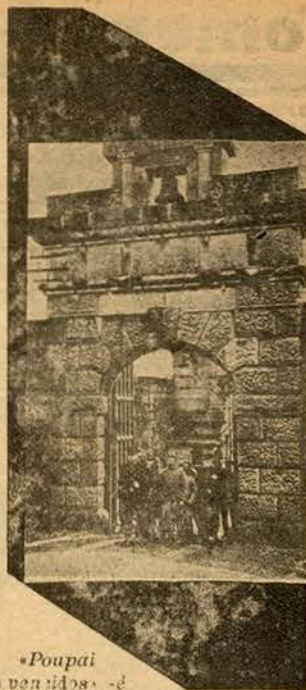
O primeiro efeito provocado pelo terrível incendio foi um curto-circuito na instalação electrica do pavilhão central, onde 800 presos estavam reclusos, gritando horrorisados perante a visão aterradora da morte que os esperava. O desarranjo na instalação inutilisará as fechaduras electricas, e então correram alguns guardas ao carcereiro-mór implorando-lhe por piedade que lhes fossem entregues as chaves de segurança afim de salvarem algumas centenas de desgraçados que já começavam a ser pasto das chamas.

Mas a disciplina é rigorosa e as chaves de segurança só poderiam ser utilizadas com ordem superior e essa ordem não chegara ainda porque os reforços policiaes também não haviam chegado. Persistia o perigo da revolta, pela excitação e confusão do incendio!

Os primeiros instantes de revolta

Decorreram cinco minutos de expectativa emocionante. A ordem não se estabelecia e o espectáculo era infernal. Surgiu então o movimento de revolta: Alguns reclusos estavam na parada loucos de fúria assaltaram o carcereiro-mór e roubam-lhe as chaves-mestras e correm, gritando, em salvacão dos seus camaradas. Era demasiado tarde. Mais de trezentos desgraçados haviam já sido libertados da vida e perto de 500 mais estavam feridos de morte.

Oito dias depois estalava a revolta. No meio da parada, a um sinal de assobio dado por um



«Poupai os venidos» — é a legenda que encima a entrada monumental de Dartmoor

presidiário, dissolvem-se as bem alinhadas fileiras, torna-se indisciplinavel a confusão e o ruído são, facilmente, dominados os guardas de serviço. Armam-se sem demora os presos. Tudo serve pedras, ferramentas das oficinas, varões de ferro tudo quanto conseguem á mão e lançam-se ao assalto á porta de ferro que os separa do Mundo. A primeira porta cede e abre mas do outro lado estão as metrelhadoras para gritar bem alto o direito que a sociedade tem de viver livre do convívio das feras humanas.

Meia hora de luta esteril e inutil e tudo volta á normalidade disciplinar— agora mais rigorosa — depois de enterradas mais umas centenas de vítimas.

Mas o pesadelo da liberdade continua...

Uma verdadeira revolução orgânica no presídio de «Dartmoor»

Em Dartmoor nos principios d'este mês o caso foi menos trágico mas mais grave, pelo aspecto da organização e apoio externo que teve.

O inverno que fôra violento não dava mostras de terminar, o desemprego e o desconforto das almas sofredoras aumenta sempre que a natureza é mais rigorosa. Toda a região de Princetown vive quasi constantemente sob uma atmosfera glacial e nevoenta. «Dartmoor» situado no planalto de Dewn, é pela sua situação climaterica a mais odiada de todas as Penitenciárias inglesas.

Desta vés o descontentamento entre os presidiários começou a manifestar-se em Março—do ano transacto quando, pela nomeação dum novo Governador se verificou um recrudescimento de vigilância e disciplina. Surgiram os primeiros protestos. A hora do rancho passou a ser a hora de rebeldia a que as violencias da repressão só punham aparente termo. Um carcereiro mais rude nos tratos foi agredido, quando surpreendeu alguns presos trocando breves palavras e exigiu silencio. Castigos severos aos agressores e novos protestos dos restantes presidiários se succederam. Estava uma rebelião em marcha. Todas as repressões e vigilancias haviam apenas servido para aguçar a intelligencia aos presos que conseguiam comunicar entre si e até com os amigos

Conclue na pag. 15

A TRAVESSAMOS uma época que bem pôde chamar-se a época dos desfalques. Raro é o dia em que os jornais não noticiam mais um, provando que atravessamos uma crise de carácter que não sabemos onde nos levará.

Se bem que nem todos sejam produto dessa crise—há-os que são só vítimas—a verdade é que a grande maioria justifica absolutamente a nossa asserção, quer dizer, a grande maioria são autênticos criminosos, indivíduos sem carácter, sem nenhuma espécie de escrúpulos.

Seria interessante uma devassa à vida desses cavalheiros com quem ombreamos todos os dias e que todos sabemos não ganharem o suficiente para manter a vida de escândalo e de luxo que levam. Ficariamos assim sabendo do que vivem, e ter-se-ia prestado um bom serviço à sociedade.

Vêm estas considerações a propósito dum cavalheiro que ha dias foi preso por ter praticado um desfalque na Vacuum Oil Company, um tal José Figueirêdo dos Santos, que ali exercea as funções de caixa.

Tem uma história este cavalheiro, que pertence á fama dos que fazem o mal e a caramunha. O José Figueirêdo dos Santos, o *Josésinho*, como é conhecido na intimidade da família, vinha praticando o desfalque, que atingiu quatro centos e sessenta e oito contos, desde julho de 1929. Para roubar as quantias que somadas deram aquela importância, recebia o dinheiro dos crédores da Companhia e não o escriturava e, assim, foi vivendo durante dois anos e meio, sem que o *negócio* fosse descoberto.

Em 30 de janeiro, último, o *Josésinho* viu-se perdido, pois tinha de pagar uns cento e tal contos ao Crédito Franco Português e não tinha numerário. Então, resolveu aconselhar-se com o seu advogado, o sr. dr. Maurício Costa e este, como não podia deixar de ser, aconselhou-o a denunciar-se á Companhia, o que elle fez.

Comprometeu-se então o cavalheiro perante a Direcção da Companhia, de cuja confiança

tão mau uso fizera, a entrar com o dinheiro, mas como tivesse faltado, a entidade roubada resolveu apresentar queixa á policia. Entregue o caso ao hábil agente Jerónimo, tão bem se houve nas suas deligências, que, passados oito dias, o *Josésinho*, que se encontrava escondido, procurando fugir, se viu obrigado a apresentar-se á prisão.

Durante os interrogatórios declarou que gastára o dinheiro roubado na doença dum cunhado e dum negócio particular que se jeogou a declarar qu'il fóra.

Para *Reporter X* não ha segredos. Vamos nós dizer em que é que elle gastou o dinheiro, aproveitando a ocasião para fazer a história do *Josésinho*.

Este cavalheiro é sobrinho, por casamento, da senhora D. Maria da Conceição de Mesquita Pimentel. Pormenor aparentemente sem importância, tem uma importância capital, como vai ver-se.

Quem é a sr.^a D. Maria da Conceição de Mesquita Pimentel? Nada mais nada menos do que tia e herdiera presuntiva, única, da *Morgada da Apariça*, possuidora da mais elevada fortuna do baixo Alentejo, senhora cuja demência lhe não permite, ha largos anos, administrar os seus bens, pelo que está interdita. A senhora D. Maria da Conceição de Mesquita Pimentel, falecida ha cerca de dois anos, o qual foi, durante muito tempo, tutór da sua sobrinha a *Morgada da Apariça*.

Para se avaliar bem do estófo moral do *Josésinho*, basta dizer-se que durante a vida da esposa do sr. Luís Pimentel, uma respeitavel senhora cheia das maiores virtudes, descendente duma família, das mais respeitada: e conhecida no nosso meio, nunca esse cavalheiro transpôs os ombráis das casas do sr. Luís ou as de sua irmã, isto desde 1905.

Falecida aquea senhora, o *Josésinho*, appareceu logo, procurando desviar o sr. Luís Pimentel da casa onde residia, com o fim único de retirar a administração dos bens da *Morgada* da mão da pessoa que a possuia, havia mais de duas dezenas de anos. Não o conseguiu, mas, morto também aquele senhor, passado ainda não havia um mês, conseguia em parte o seu objectivo. Sua tia, cuja riqueza era também administrada pelo mesmo administrador da *Morgada*, retirava a este a sua confiança. Quanto á fortuna da *Morgada da Apariça*, também deixou de ser administrada pela pessoa que a servira durante tanto tempo, tendo sido o caso debatido nos tribunais e na imprensa.

Claro que estas coisas originam despesas,

e grandes, e ai têm os nossos leitores onde foi gasta parte da importância roubada á Vacuum.

Dir-se-ha: — Mas que interesse poderia ter o *Josésinho* nesse negócio, se foi obrigado, para o conseguir, a roubar, motivo, porque está preso?

E' esse facto que vamos explicar em artigos futuros. O *Josésinho* calculou mal. Apesar —de, segundo as nossas informações a riqueza da *Morgada* ter já diminuido bastante desde que passou a ser administrada por pessoas da confiança de *Josésinho*, a verdade é que, talvez porque elle tenha um estómago muito grande, essa diminuição não reverteu a favor do cofre desfalcado da Vacuum.

Trata-se, pois, dum assunto que tem foros de sensacional, já pelo montante dos bens em jogo, já pela moral que o caso encerra.

ARGUS.



... depois de uma tentativa frustrada de evasão...

O Reporter X no Porto

E' representante do Reporter X na cidade do Porto, o nosso camarada Guilherme de Carvalho, com quem, exclusivamente, devem ser tratados todos os assuntos referentes á redacção, que interessem á capital do Norte.

Rua Passos Manuel, 241—Tel. 4391.

FOTO-RADIO Jacinto & Graça, L.^{da}

Artigos fotograficos, chapas, films, películas, papeis, productos e accesorios.—Maquinas fotograficas. Montagem e reparação de aparelhos de T. S. F.—Montagem de antenas. Pessoal habilitadissimo.

Trav. ssa Sá da Bandeira, 14

PORTO TELEFONE 412

As aventuras extraordinárias do húngaro da Praça dos Restauradores

O barman do antigo café Avenida—De capitão de exército austriaco—o doceiro diplomado—As tragédias da Sibéria—O segredo da prisioneira—O tirano vermelho—Na fronteira chinesa—Perdidos na neve—Através a América—A última proeza

—Um «groc»? What? A beer? Black? Yes? Et vous, monsieur? *Mais oui... Bien chaud et trop sucré... No! No son español pero hablo como... un madrilenio...* O português também... Falo dez línguas — o alemão, o inglês, o francês, o italiano, e espanhol, o servo, o búlgaro, o russo, o grego e o português — Sem contar com a língua materna. Qual é a minha nacionalidade? Sou húngaro. Nasci em Budapeste... O! Mas tenho percorrido muito mundo, antes de vir parar a Lisboa... Cheguei há poucas semanas... Já por cá passava várias vezes — mas sempre por umas horas... E como foi que aprendi o português? No Brasil... Vivi no Rio de Janeiro, em S. Paulo, na Bahia... A minha história dava um romance ou um filme de cinema... Um instante... Dê-me licença que atenda estes fregueses... *A café? Yes... Tank...*

«Pois... estava eu dizendo que... Ah! Sim... O que eu tenho andado, o que eu tenho feito, as profissões que exerci antes de me fazer barman em Lisboa... Estou satisfeito... Como sabe, cá em baixo com entrada pela Rua Jardim do Rebedor, era um café — O antigo Café Avenida», segundo me disseram. Agora é um restaurante germanico. Cá em cima, neste *chalet* só a tabacaria não era negócio. Arrisquei-me a ficar com este bar... É frio? Sim, agora no inverno não se morre de calor... Mas eu tenho sofrido climas piores. Mas tem uma bela vista — aberto como está, sobre a Praça dos Restauradores, vendo-se toda a Avenida. Os meus olhos não se cansam de admirar a paisagem... E felizmente o público simpotisa comigo... Estou sempre a fazer negócio... Olhe... Perdão? Duas cervejas? Muito obrigado...

«Desculpe-me estas interrupções... É preciso saber lidar com o publico, estudá-lo, compreendê-lo — atendê-lo... Talvez seja por isso que eu tenho tido sorte... Estava muito... grotesco com

guerra rebentou, em 1914 era eu capitão... ganhei as divisas de major e de coronel, em plena batalha. O destino não quiz que eu continuasse até ao fim — ou que ficasse sob as balas do inimigo. Cai prisioneiro dos russos. Foi então o início do meu romance. Fome, frio, maus tratos. Mandaram-me para a Sibéria — e esqueceram-se de mim numa aldeia, num prisídio perdido no steppe — e de mistura com prisioneiros de delicto comum. Entre estes havia uma jovem que desde o primeiro dia se salientou aos meus olhos — pela beleza da sua dor, pela distinção dos seus modos, pela inteligência das poucas palavras que lhe escutei. Sem saber porque comecei a admirá-la, sofrendo mais pela sua fatalidade do que pela minha. Uma manhã acordei, alertado pela gritaria dos guardas. Corri ao pátio — e o primeiro que notei foi que a neve que atapetava o solo estava manchada de vermelho... Um corpo jazia, morto sobre a neve — o corpo da minha jovem e formosa companheira de martírio. Soube o que se passava. Ela era filha de um alto funcionário do tempo do império. A paz já estava feita com a Alemanha e o governo da Rússia fora conquistado pelos bolchevistas... Toda a família da jovem tinha sido chacinada. Só ela escapara — e escapara porque o governador ou comissário a cubitava; e como resistira aos seus assaltos infames — conservara-a prisioneira. Naquela noite, o tirano embriagara-se, mandara-a buscar a cela. Inutilisara-a com os seus desejos lubricos; e ela, entre a morte e a deshonra, preferia a morte, atirando-se da janela...

«Esteve dois meses numa agonia angustiada. Não a abandonei um só momento. Salvou-se — mas ficou aleijada para sempre. Entretanto eu procurava por todas as formas conquistar a liberdade... Não havia razão para manterem sob ferros prisioneiros de guerra — visto que a paz estava assinada. Mas ninguém se entendia. A

confusão política e social da Rússia agravava-se na Sibéria. Tão depressa a aldeia era assaltada e dominada pelos brancos — que chacinavam os vermelhos; como era dominada pelos vermelhos que chacinavam os brancos. Um dia apareceram novas legiões de verdugos! Os tcheco-eslovacos. Em 24 horas decretaram quarenta execuções. Quando souberam que havia um prisioneiro húngaro — mandaram-me abrir uma cova, ao lado da qual eu devia ser fuzilado. Só um milagre — devo-a aquela jovem de que... já lhe falei. Fingindo-se erpia dos tchecos, surgiu no preciso momento em que ia ser dada a voz de fogo, anunciando a aproximação de grandes reforços vermelhos. Os invasores par-

tiram, em desordenada fuga... abandonando-me...

«O que eu podia coater desses horribes quatro anos que passei na Sibéria! Só em 1921 consegui fugir! Uma secreta ambição me encorajava: a sorte da minha doce e desgraçada salvadora, cuja mutilação viéra tonrar mais doloroso o seu destino. Fugimos — embarcando num comboio que, segundo nos constava, se dirigia para Moscovo! Que viagem essa! Os dias rodavam — e cada vez a paisagem era mais desolada e deserta! Surpreendi-me! É que em vez de marcharmos para o ocidente — avançávamos

certamente para o este! Subito o comboio foi atacado por forças japonesas. Nova fuga! Errámos duas semanas, mendigando um pouco de pão e dormindo onde calhava. E assim chegamos à fronteira chinesa — onde fomos perseguidos como autores de um atentado sacrilego num templo. Tivemos de voltar à Sibéria; e quando, já no Volivostock nos garantiam a passagem para o Japão — um comissário vermelho por vingança — a minha jovem companheira apezar de aleijada ainda despertava... odios, com a sua intransigente honestidade — mandou-nos prender. Felizmente houve um anjo bom que nos defendeu — um equivoquo, uma semelhança física com um agente secreta da Tcheca; e o comissário tomando-me por esse agente — abriu-nos a porta do carcere... No Japão trabalhei como caixeiro de praça, como interprete, como tradutor... Um dia — ofereceram-me um emprego a bordo dum navio que ia para a Argentina — e assim consegui entrar na América, Estive em Buenos Aires, no Rozario, em Montevideo; percorri o Chile, o Brasil, Bahia, o Perú, a Venezuela, o México, Cuba, os Estados Unidos, o Canadá... Fui criado e patrão, cozinheiro e doceiro, guarda livros e músico, professor e gerente de hotéis. Assisti a revoluções, a crimes a tragédias de todos os géneros. Conheci os santos mais generosos e os monstros mais repelentes! Conheci as infamias mais engenhosas e os negócios mais fantásticos... E sempre a caminhar, com um judeu errante... Depois — vim para a Europa. Estive na Turquia, na Grecia, Servia, na Bulgaria, na Austria — e entrei na minha patria! Que desilusão — após tantos anos de saudade, de nos talgia, de sonhos! Sai da Hungria em 1930 — estive na Holanda, no Escandinavia, na Inglaterra, na Itália... Diplomei-me como doceiro... Por último instalei-me em Paris. Mas em Paris a vida está muito cruel para os estrangeiros. O chauvinismo dos francezes atingiu a impempencia. Por toda a parte se afixam cartazes dizendo! «Não se dão empregos a estrangeiros!» Foi então que resolvi vir para Lisboa. E aqui estou há semanas. E estou contente! Por quanto tempo? Sei lá! O que o Destino quizer... Perdão... *Good morning, sir... A beer? Black! Yes! Et vous monsieur Z... Um café um lat? Et madame Mercé, monsieur... Buenas...*

...Subito os olhos verdes e miudos do nosso entrevistado rebrilham numa alegria, e alvoroçado afasta-se para atender uma dama tão sobria no traje como discreta na beleza do seu rosto alvíssimo, que estava... Observamo-la com disfarce... Cochicham um segredo — e ela abala, Avenida acima, com direcção à paragem dos dops eléctricos... Seria sugestão? Éramos capazes de jurar que a caxeava no passo rítmico dos mutilados que usava uma perna de pau...

R. X.



aquele uniforme de cosinheiro clássico — barrete branco, fato branco que o sr. me viu, no entrudo? Era preciso — sobretudo durante o carnaval — para chamar a atenção. Era como um cartaz! Não julgue que foi por... graça, por... vaidade imbecil! Uniforme... já usei um e com que orgulho! Depois de ser obrigado a abandoná-lo — só a necessidade de lutar pela vida, me levaria àquele disfarce teatral...

«Sim! Já tive um uniforme que me honrava e que eu honrei. A minha carreira — a autentica, aquela com que se sonha na mocidade e em que se entra com paixão — foi a militar! Quando a

“GARANTIA” COMPANHIA DE SEGUROS (FUNDADA EM 1853)

Capital integralizado Es. 1.000.000 \$ 0
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 0.611.30.533

O segurado da “GARANTIA” deve ter sempre em vista que a Companhia tem a honra de ser a mais antiga e a mais respeitável Companhia de Seguros de vida e de acidentes em Portugal e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é a existência da Companhia, e neste ponto, a “GARANTIA”, tem a escudela o seu passado.

SÉDE

Rua Ferreira 8 12es, 37—PORTO
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

DELEGAÇÃO CENTRAL

Praça da Liberdade, 13 e 14
Casa Baucaaria Souza, Cruz & C., Lda

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Rua de S. Julião, 63 a 71
(EDIFÍCIO PRÓPRIO)

Um invento escamoteado

O Instituto Pasteur de Lisboa em foco

Descreve-se como se descobriu um medicamento que interessou ao Instituto apen-s para escam-tear a fórmula e a «honestidade» dos negócios daquelle estabelecimento

VIVEMOS uma época de degenerescência moral, de abastardamento dos sentidos e das coisas, que ameaça corromper tudo e todos, em que a pureza cedeu o passo à mácula, e à deslealdade.

A cada passo deparamos com mais um exemplo.

Em tempos que não vão longe, quando ainda existia entre nós o respeito mútuo, só esporadicamente se verificavam factos que hoje são banalidades. Assim, era frequente realizarem-se grandes negócios sem se haver escrito uma única letra, isto é, com combinações verbais, sem que daí resultasse dano para ninguém, tal a pureza de intenções nosrada e provada por ambas as partes.

que hoje já se consideram banais—tem um interesse que ninguém ousará negar-lhe. Já pela elevada categoria da entidade que agiu dolosamente, já pelo elevado valor material que a extorsão representa, éle tem foros de sensacional. E, *Reporter X* trairia a sua missão de jornal das grandes reportagens e de arauto da moralidade, se, tendo d'êlle conhecimento, não o tornasse conhecido.

O Instituto Pasteur e a sua absoluta «seriedade»

Em meados do ano passado, uma senhora, cujo nome não vem para o caso, tendo verificado que um dos seus dois filhinhos, não obtinha melhoras com um medicamento que andava tomando e que tudo indicava dever dar-lhe resultado, desconfiou que esse medicamento não possuísse as qualidades que lhe eram atribuídas, por deficiência de componentes e de manipulação. Tal desconfiança tornou-se certeza, o que a levou, de colaboração com um preparador químico, a estudos e trabalhos de laboratório, dos quaes

resultou após aturadas experiências, a descoberta dum medicamento ultrarico em elementos curativos do raquitismo, linfatisimo, descalcificação, tuberculose, etc.

Calcule-se o contentamento dessa senhora ao ver-se possuidora duma descoberta que ia restituir saúde a seu filhinho!

E o caso é que a criança, logo que iniciou o novo tratamento, passou a melhorar a olhos vistos. A inventora, longe de se mostrar egoísta, verificando que não tinha o direito de guardar segredo duma descoberta que ao úteis resultados traria ao bem da humanidade, e dando assim um nobre exemplo, resolveu procurar quem tivesse condições para fabricar o medicamento de sua invenção em grandes quantidades, de forma a poder vendê-lo.

Para isso, foi, acompanhada de seu esposo, ao Instituto Pasteur de Lisboa, casa que goza da mais afamada reputação, já pelo escrúpulo que diziam pôr na manipulação dos seus productos, já pela seriedade dos seus negócios.

Um negócio que já não interessa ou o que vulgarmente se chama uma vigarice

Que se enganara, provaram-lhe os factos posteriormente.

Em várias conversas tidas com um funcionario superior do Instituto Pasteur, de nome Leitão, assentou-se em principio

Conclui na pág. 15



Toda a gente se auxiliava mutuamente, quasi sempre sem olhar a interesses, num desejo de ser útil, que era por todo considerado como que obrigação.

Hoje pelo contrário, já vem o tradicional preto no branco fala como gente serve pa a nada. É frequente, — mais do que isso, quasi banal — a despeito de combinações escritas, uma das partes ser burlada. Que interessam os escritos, se elles são quasi sempre feitos capciosamente, com mais de uma interpretação, mas tendo muito escondida aquella que só aproveita a uma das partes, aquella que contratou de má fé?

O caso de que nos vamos occupar — apesar de incluido no numero d.queles

COMO NO SÉCULO XVI...

Um jornalista português defende a sua honra profissional

A PROPOSITO DO CENTENARIO DA «RELAÇÃO UNIVERSAL» LIM DOS PRIMEIROS JORNAIS QUE SE PUBLICARA NO PAIZ

NÓS, os jornalistas quando o somos por paixão e não digo vocação po qua ser elegit ma mod-stia e jorguero não é preciso ser genio num mister para u b m servir: basta d-diar-lhe grande amor) tambem tem o a nossa linhagem profissional o orgulho pelos no-soz avengoz glorioz (os avengoz são «empre glorioso») sofrendo a consequencias dessa herança de sangue que no nosso caso é herança de tinta. Alina há pou o os cat lies f-st-jaram com pou pa e comição o decimo centenario de um jornal barcelonez, anterior em alguns annos a descoberta de Gutenberg ou seja da imprensa lntulava-se *La Font* o foi fundado por um tal Bergés, antigo cronista dos condos de Aragão. Começou por ser o só director, redactor e impressor? da folha, copiant o em m nu-crito, já se vê, vinte e tres vezes, todas as quinzenas visto que vinte e tres eram os compradores e dessa iniciativa — uma das mais anti-as expressões do jornalismo que se registam — retirava o suficiente para viver com certo desaso. Um ano d pois, assalariava cu o l gistas posto que a tiragem do seu quinzenario atingia centz

Conclui na pag. 14

RELAÇÃO VNIVERSAL

DO QUE SUCCEDEO EM PORTUGAL, & mais Provincias do Occidente, & Oriente, desde o mes de Março de 1562 até ao mes de Dezembro de 1565. Contem muitas particularidades, & curiosidades.

Ordenado por Francisco de Almeida, e impresso em Lisboa.



Com todas as licenças necessarias.
EM BRAGA.
Impressão por Francisco Lourenço de D. D. 1567.

Conta-se que uma manhã, em Serajevo, um dos mais belos espiritos da Servia, Dario Marovitz, apontando um joven do mais banal dos aspectos que se em astelava na multidão, aguardando a chegada dos arqui-duques austriacos, disse: —Ninguém, a não ser profeta, podia neste momento, fixar-se naquele moço, destacá-lo, notá-lo sequer, Ninguém, mesmo profeta, podia adivinhar o que se passa neste momento naquela alma.

Eu não sou profeta—mas por um acaso estou nos antecedentes do que se vai passar—e não me esquivo á mais violenta das emoções pensando que é da dinamica invisível, deste momento que passa, mais veloz do que uma só das minhas palavras e da vontade daquele homem, tão banal tão integrado na massa humana que nela se confunde—que vai faiscar o mais brutal dos acontecimentos!

Dario Marvitz falava assim, porque estava no segredo da tragedia que não tardou a ensanguentar Serajevo... O joven que ele visava era o estudante servo, Bruno; e Dario, conhecendo bem o seu temperamento, observava-o na certeza de que dependia de um nada a decisão do estudante... Esse nada, faísca do grande incendio, seria o sorriso da arqui-duquesa. Bruno era um sentimental. Se ela o soubesse, inconscientemente, e sensibilisá-lo, como vê-lo, obrigá-lo a pensar que ia ferir de morte uma mulher e se ele esquecesse, nessa mulher, a princeza—a tragedia... fracassaria. Mas se, pelo contrario, a princeza abafasse, no seu reflexo sobre a alma do estudante, toda a ideia sentimental—o plano da conjura seria executado. E por fatalidade, ao passar a carruagem frente a Bruno, a arqui-duquesa franziu o sobrolho, crispou os labios, numa rigida expressão de alívio imperial... E Dario viu-a e viu o efeito que aquêle efemero jogo fisionómico produzira no seu compatriota. Por tanto, podia afirmar que ele não hesitaria em cumprir o juramen to feito; e morios os arqui-duques não hesitavam em medir, profeticamente, em toda a sua grandesa, a catástrofe resultante... E assim foi. Pouco depois dava-se o aten-

aço e a Europa, e o Mundo inteiro projectava-se, num entrecchoque epileptico na mais cruel e sangrenta das guerras—uma guerra que durou quatro anos, que ceifou milhões de vidas, que destruiu uma civilização, que transformou a Humanidade, numa metamorfose inverosimill

A emoção que Dario confessou sentir, naquêle momento, na certeza que naquêle momento, se decidia o Destino do Mundo e da Humanidade, ao capricho da centelha de um só cérebro! Mas não foi fenomeno inédito—o caso de Seravejo! Não existe um só grande acontecimento, daquêles que abalam os alicerces sociais, que não tenha nascido, como a Grande Guerra, dum nada, de uma crispação de labios, de um instante diabolico...

E toda esta lenga-lenga para chegar para chegarmos até á visão da paisagem mundial—assombreada por mil ameaças tenebrosas e todas elas faiscadas por um nada...

Todos os fenomenos politicos, sociais, que hoje agitam o mundo e inquietam a humanidade, mesmo os que se nos afiguram independentes, an'gonicos, espontaneos ou separados por fundos abismos não passam de expressões diferentes do mesmo facto; a luta travada entre duas forças opostas, extremis as das direitas e extremistas da esquerda. Ideias, fanatismos, interesses, artes, politicas, revoluções, guerras—tudo gira em redor desse duelo.

ALERTA! ALERTA!

Existe uma conjura internacional judaica?

Quais os seus planos sobre Portugal?

Pequênos nadas-dinamos e grandes factos—O caso de Seravejo—O que querem os judeus das nossas colonias.

O que é a guerra do Oriente—senão um choque distante das duas espadas—com Moscow a mover a China; e os outros a moverem o Japão? E para que a exemplificação seja mais nitida, para que as duas forças possam nivelarse melhor—nem sequer lhes falta, como espirito, duas organizações religiosas, antagonicas, que manejam, nos dois campos, com igual subtilidade, tenacidade, paixão, as almas e os cérebros. Dum lado a intelectualidade da Igreja Catolica, a elite em cultura, intelligencia e força de vontade do Cristianismo—a Companhia de Jesus. Do outro a grande familia israelita, o judaísmo disperso pelo mundo, mas unificado pelas mesmas obsessões, pela mesma orientação, pelo mesmo temperamento, pelos mesmos defeitos e virtudes. E ao mesmo tempo que as forças victoriosas da direita, se defendem, perseguindo e lesamando as legiões judaicas—na Yugo Eslovénia, na Rumania, na Austria, na Hungria, na Polonia, na Italia, na Alemanha de Hitler e na propria França... de Leon Daudet e de Maurras—as forças vencedoras da esquerda, mesmo sem perceberem ao extremo oriental da ideia lutam e perseguem a Companhia de Jesus, como a propria Espanha o acaba de exhibir—que, foi, dizem, o prelo do fracasso das ultimas greves revolucionarias, preço pago pelo socialismo, para reírarem, a s revolucionarios, o apoio que secretamente lhe tinham prometido...

Contra a Companhia de Jesus erguem-se acensações tenebrosas, afirmando-se que por detrás do bastião negro que representa o seu evérrissimo regulamento, existe um labirinto subterraneo, maquiavelico, que a to na na mais perigosa das seitas—atribuindo-se a esse organismo secreto o triunfo do seu poderio universal.

Contra o judeus—clamam os conservadores, accusando-os de formigarem nos mesmos subterraneos labirinticos de seita mais tenebrosa e mais maquiavelica ainda.

Quem tem razão?

Da Companhia de Jesus pouco ou nada de inédito se pôde dizer, mesmo caluniando-a (e caluniam-na muitas vezes, atribuindo-lhe obras nefastas que não realisam, como por exemplo, de crimes gran-guoloscicos da Inquisição, de que foram primeiras victimas, quando se defrontaram com os dominicanos). Sobre a seita judaica—sim! E interessa-nos directamente, a nós portugueses, porque, a ser verdadeira a existência desse maquiavelismo—é ele enlaça um dos seus mais poderosos titaniculos em Portugal.

Ha uma pergunta de elemental curiosidade, frente ás afirmações feitas—quer contra uma, quer contra outra: qual o alvo dessa seita? No que se refere á Companhia de Jesus—seria um pleonasmio responder; no que diz respeito aos israelitas o alvo é como um espelho estilhado em mil pedaços que são como que estilhaços de uma só alma... e embora o aspecto mais interessante da questão seja a tecnica, os meios de que eles se servem para atingir os seus

fins—torna-se indispensavel conhecer esses fins. O triunfo da causa, puramente no seu objectivo religioso e nas suas legítimas ambições da raça sacrificada—ou castigada—é a moldura apenas e eles não chegam ainda ao luxo da moldura. São como soldos em continua peleja de fronteiras—e que ambicionam a provocação de uma grande batalha decisiva; e enquanto essa bata-

lha não se dá—preparam-se para garantir a victoria. Que importa o paradoxo da fiança mundial estar em poder dos judeus e Moscow, o quartel general do odio á fiança de todo o mundo, ser bussolada pelos cerebros israelitas. E' que os judeus em Moscow, não são a essencia vital—mas apenas colaboradores valiosos.

Um dos problemas mais delicados do programa secreto universal judaico—é o de terreno. A dispersão, que foi já uma força para eles—é hoje um atrito. Eles presentiram um diluvio social para breve—e querem preparar-se com varias arcaes de Noé para que, vinda a bonança, formem a raça sobrevivente.

Pois bem. A arca que eles cubicam... é Angola. Se admitirmos como autentica a existência do complot internacional judaico, não podemos duvidar dessa revelação porque é a essencia do proprio complot.



D. Manuel I, rei de Portugal, autor do edito da «Expulsão dos Judeus» em 1495, (varonia germanica d'el-rei D. Afonso Henriques) D. Manuel II, rei de Portugal, expulsão pelos descendentes desses judeus em 5 de Outubro de 1910, (varonia germanica Saxe-Coburgo-Gotha)

vereiro de 1912 é publicado o projecto no Diario do Governo, e entregue a uma comissão de sete membros, nomes bem conhecidos no nosso meio, e na totalidade cristãos-novos. Era relator o cristão-novo Amílcar Ramada Curto (que já propôs ao Rabi Mucznik a educação de seus filhos na Sinagoga) energico e talntoso deputado, que perante a Câmara defende o projecto com entusiasmo. Unicamente aprovado pela acção revelante do cristão-novo, Barros Queiroz e Alvaro de Castro, e pela acção ainda maior da inconsciente voz de sangue, é proferido pelo Dr. Caetano Gonçalves (indio), um discurso muito significativo em que o orador dizia que vê os judeus constituirem uma nação independente e não assustava, pois com isso Portugal nada perderia, e a Humanidade ganharia muito; e ele, orador, se regosijaria por vê irradiar de Portugal o Imperio de Israel!

Os judeus de todo o mundo ficaram pasmados e subitamente entusiasmados com esta cordalidade do Governo Português! Logo se reuniu em Viena d'Austria um congresso tendente a avaliar o projecto.

A comissão colonial, que unanimemente aprovava o projecto, compunha-se dos deputa-

dos: José Barbosa, José Bernardo Lopes da Silva, António Augusto Pereira Cabral, Prazeres da Costa, Carlos Maia Pinto, Camilo Rodrigues, e Amílcar Ramada Curto, relator, alguns deles cristãos—novos conservando o conhecimento d'isso!... Passa, em seguida, á comissão de Finanças onde é também aprovado, unanimemente, pelos deputados: Inocencio Camacho, (actualmente governador do Banco de Portugal), José Carlos de Maia, Aquiles Gonçalves, Barros Queiroz, Alvaro de Castro, e Vitorino Guimarães.

Existem artigos que nós, jornalistas, escrevemos com a amarga impressão de que o leitor pode desistir, a meio, porque o preambulo, indispensavel bussola para o objectivo do autor, se torna longo e talvez fatigante. Não escrevemos estas paginas apenas para dizer o que fica dito. E' tambem para que... ouçam:

Reside em Portugal desde o dia 2 de Janeiro um português de nome Judá Belo, nascido em Vila do Conde em 4 de agosto 1890, filho de um comerciante que a gente da terra acunhava de «Papa Toucinho», precisamente por saber que a sua religião lhe proibia alimentar-se de «animais imundos». Emigrou para a Argentina em 1897, levando mulher e filhos. O Sr. Judá, que era o mais novo, aparece em 1918, com uma situação saliente nas sinagogas holandesas. Em 1931, dá a volta ao mundo, e um jornal judaico que se publica em Londres considera essa viagem como uma «peregrinação sagrada». Por todos os países onde passou, recebiam-no como a um Messias. Ha dois ou três anos esteve na Palestina. A sua vinda para Portugal estava anunciada ha tempos—e aguardavam-no com certa emoção. Veio e instalou-se definitivamente. Possui dois navios e toda a sua actividade é objectivada em compras de terrenos nas nossas colonias. Dizem que os capitais que o Sr. Judá Belo representa se elevam a muitos milhares de contos.

Um dos projectos do Sr. Judá Belo é crear, em Angola, uma zona judaica—apenas com judeus que, através todas as fatalidades historicas, se conservaram portugueses. São apenas mil familias. Como se sabe a familia judaica multiplica-se rapida e prolixamente! Que se visione o que será a população dessa zona.

Agora dois detalhes: o Sr. Judá Belo, português indiscutível, não fala português. Recebe das 12 ás 15—mas tem um interprete.

O êxito das nossas reportagens

Os ultimos numeros do nosso jornal tem continuado a obter grande êxito como o demonstra o facto dos diários nos continuarem transcrevendo. Há dias A Republica referiu-se ao artigo que aqui publicamos sobre «Uma scisão no centro católico», fazendo dele um resumo e transcrevendo parte.

Ainda o mesmo jornal transcreveu a nossa sensacional reportagem sobre Uma criança que em Portugal nasceu sem olhos, que tambem mereceu do Diario de Noticias a honra de ser transcrita, embora tanto um como outro jornal se esquecessem de dizer a sua proveniencia.



Alguns dos deputados das Constituintes de 1911, dos que aprovaram o projecto da entrega do Planalto de Angola aos israelitas de todo o Universo:—1.º O cristão novo José Relvas, no tempo ministro das Finanças (tendo ainda tradição de judeu, dum a familia de Vizeu herdada por tal); 2.º O cristão-novo José Barbosa; 3.º O cristão-novo José Bernardo Lopes da Silva, deputado por Panhel (tendo ainda tradição de judeu, dum a familia de S'rtres, em Três-os-Montes, herdada por tal); 4.º O indio Prazeres da Costa; 5.º Carlos Maia Pinto, tipo completo da varonia judaica, misturado de sangue indiano; 6.º O cristão-novo Amílcar Ramada Curto, actualmente socialista, e relator do projecto da entrega de Angola (Página 165 do livro «A Invasão dos Judeus»)

Quem roubá o ouro de Angola?

Pede-se justiça contra quem há tantos anos defrauda a economia nacional

PARA o conceito vulgar, África é ainda hoje uma boceta de mistérios sombrios e exóticos. Chega a tomar-se como certo que o imenso continente negro só tem, como atractivos, a existência contínua de emoções fortes: aventuras extraordinárias, correrias pelo sertão, romances de amor com madonas cor de ébano, lutas com leões altivos e ameaçadores.

Nada mais errôneo que este conceito. África tem os seus mistérios e as suas aventuras, é certo. A alma indígena constitui um imenso campo de estudo e tem aspectos de abismo insondável. É também enorme a luta travada entre brancos naquelas terras de negros, terras de ambição e desvario.

Constitui uma verdade amarga aquêlê pensamento quasi axiomático que afirma ser o homem branco a maior fera de África. É isto o que poucos tem dito da vida africana, a pesar de o verificarem ao primeiro golpe de vista. É essa parte misteriosa e sinistra que se torna urgente desvendar, arrancando máscaras, destruindo velhos ídolos de lodo, desfazendo a névoa enganadora que rodeia as coisas coloniais.

A nossa última reportagem sobre o ouro do Lombe teve foros de sensacional e com justiça. Várias pessoas tem vindo até nós aplaudindo a atitude activa que tomamos de denunciar publicamente um roubo secular, feito à economia nacional.

Sem receio à perseguição sangrenta que é apanágio dos «hereticos do negro», acusamos o ladrão do ouro de Angola. É tempo de que o ouro do Lombe se torne de utilidade nacional. É tempo de acabar com a superstição ridícula que pesa sobre aquêlê rio e sobre a sua riqueza aurifera, impedindo que prossiga a série de crimes que, desde séculos se veem desenrolando soturnamente.

O homem da fita vermelha — As ameaças dum criminoso

Quando, naquela madrugada nevoenta e humida, o engenheiro Samuel de Aguilera, me

indicou a casa do misterioso Ralf Swit Cardoso, pensei, por — momentos — «mea culpa» — que o meu companheiro tivesse arquitetado uma bem urdida novela. Ele, compreendendo as dúvidas que, a pesar de tudo, subsistiam no meu espirito, garantiu, *por sua honra*, a verdade dos factos relatados. No outro dia, percorremos disfarçadamente as repartições officiais em busca de elementos que me fornecessem indícios seguros sobre o torvo herdeiro do «frade negro». Ninguém nos soube dar informes decisivos. Ralf Swit Cardoso, conhecido como um homem que vivia não se sabe de quê e que fazia longas estadias no interior, procedendo a ignotos trabalhos.

Coabinamos, eu e o engenheiro, ir ao Lombe e deliciar-nos colher elementos.

E, numa manhã, o «Delage» de Samuel de Aguilera, levou-nos ao Golungo Alto. Alvorecia, quando ali chegamos.

Notei que, quando o auto entrou na sanzala, de Mucumbi um individuo europeu, de grande barba emaranhada, se ocultava sressurosamente numa das palhotas visinhas. Vestia de branco e num dos braços trazia uma larga fita de tecido vermelho. Procuramos o soba e este recusou-se a receber-nos, saindo da aldeia gentilica e internandose no matagal.

Esta attitude despertou no meu espirito a convicção de que o engenheiro não arquitetara uma novela. Havia sob aquilo tudo um mistério que era necessário desvendar.

Resolvemos seguir para o povo de Camabéla, cujo soba, segundo afirmava Samuel de Aguilera, também mantinha extranhos relações com o descendente do «frade negro».

Quando o «Delage» arrancon, consegui ainda distinguir, num bosque de Kissomas, o homem da fita vermelha, como que tentando ocultar-se.

Em Camabéla, o soba fingiu-se decidido a falar, em frente de alguns presentes que levamos para lhe despertar a tipic — cubia do negro.

É um homem alto, espadado, face mordida pela variola, um estrabismo inquietante nos olhos que brilham maldosamente sob umas sobrancelhas enormes. Preparamos cuidadosamente o terreno para depois fazer as perguntas sobre o que ali nos levava. Conseguimos aparentar um indifferntismo absoluto e interrogamos indifferntemente. O soba, fitando-nos com ar zombeteiro, diz-nos logo as primeiras palavras:

— O rio tem ouro, «si siô». Tem muito ouro, mesmo! Mas ouro não é do Governo!

— Porquê? Pertence-te?

— Não! O ouro é de «muêne ambundo»... (frade negro).

— Mas «muêne ambundo» já morreu há muitos anos!

— Sim, morreu! Mas «o familia» dele é quem manda!

— E o ouro não serve para nada? — interrogou o en-

genheiro, olhando o negro fixamente. O Soba ri, mostrando os grandes dentes limados em ponta, e disse:

— Serve, serve!

— Como? Ninguém lhe toca...

— Ouro serve sempre. Governo é que não pode mecher! «Aquela coisa» não é dele!

— Mas o Governo é que manda em tudo!

Não sabes isso?

Uma gargalhada do soba correspondeu às minhas palavras.

— Sim; — disse ele — o Governo é o senhor de tudo. Mas não pode mecher no ouro do rio porque esse tem «cazumbi» («feitico»). Só um branco que eu conheço é quem pode tirar o ouro sem morrer!

E tu, não o tiras?

O negro esboçou uma negativa. Mas Aquilera agarrando-lhe num braço, interrogou com voz rápida:

— Que fazem, de noite, no rio, os homens do teu povo? Para que levam pás e picaretas? Para que levam a areia e batem as pedras? Fala!

Houve um lampejo colérico nos olhos do soba.

— Que tens tu com isso? És Chefe de Posto ou Administrador?

— Não mas...

— Então não tens que saber se eu tiro o ouro ou não!

E um arremesso:

— Vai-te embora, branco! Vai-te embora! Aqui mando eu!

Frente a frente!

Retirámo-nos. E, quando já em marcha, atravessámos a «chacarra» d'Aquitamba, surgimos na curva da estrada o homem da fita vermelha que eu já entrevira no Mucumbi.

Com um gesto rápido, o homem fêz-nos sinal de paragem. Estacamos. Fitei-o curiosamente e ele olhava-nos de sobrecenho franzido num esgar de torva ironia.

Era um europeu, acusando uma idade já regular mas dando a conhecer, nos menores gestos, uma resistencia e energia admiráveis. Emoldurava-lhe o rosto comprido e crestado, uma barba cerrada, ondante. Na cabeça um capacete de cortiça, crestado, lançava-lhe uma sombra sobre a face onde curuscavam os seus olhos de felino.

Deante de nós que o contemplávamos surprezados, pressedindo nêle um adversario, o homem teve um risinho máu, exclamando com voz lenta, numa pronuncia arrastada que o denunciava como estrangeiro:

— Podem dizer-me o que procuravam nas sanzalas de Mucumbi e de Camabéla?

O engenheiro que o fitava atentamente havia momentos, saltou do carro, aproximou-se-lhe e respondeu num tom decidido:

— Procuramos Ralf Swit Cardoso, o traidor e ladrão, neto e filho de assassinos!

Uma contração espantosa crispou o rosto do misterioso individuo. Pareceu gritar, mas refreou-se e afirmou num tom secco:

— Esse homem sou eu! E se sou filho e neto de criminosos, tenho, porem, a força sufficiente para o fazer esquecer áqueles que ousam recordar-m'o!

Que me querem?

Da parte do engenheiro Aguilera houve uma vacillação momentanea. Depois, exclamou:

— Porque se apposa do ouro de Lombe? Com que direito o explora secretamente? Porque tem praticado crimes para desviar do rio áqueles que o querem explorar legalmente?

As perguntas do engenheiro deixaram o homem numa aparente tranquillidade.

Tremiam-lhe, todavia, as mãos e um «tic» nervoso lhe arrepanhava os lábios de quando em quando.

Aquella attitude animou-me e, por minha vez, inquiri:

— Para que revoltou os Dembos em 1917? Para que tenta, agora, insuburdina-los contra o Governo?

Ralf Swit Cardoso, olhou-nos e com uma gargalhada, bradou:

A verdade sobre a vida colonial — O ouro de Lombe — Astúcias de negros — Em frente do ladrão — mais crimes — A caminho da Alemanha



Os três «mascotas» do soba Mwakala, secretos mensageiros do torvo neto do «frade negro» e chefes da nocturna exploração do ouro

Os setenta e quatro inimigos dos funcionários do Montepio Oficial

TUDO na vida tem o seu mistério—e é certo. O Montepio Oficial tem também o seu grande mistério. Uma força oculta, invencível, aniquila um após outro, os funcionários que seivem aquela repartição do Estado. E o Montepio Oficial, veneranda instituição que se fundou para garantir a tranquilidade de todos os funcionários públicos tem, dentro de si, um invisível e perigoso inimigo de todos os funcionários.

Ha poucos anos um segundo official de apelido Marques, foi acometido de doença que um médico diagnosticou como tuberculose. Tempo andado, o official Marques succumbia apesar de esforços que se fizeram para o salvar. Não tardou muito tempo, outro funcionário seguiu a mesma doença. Pouco tempo depois dois outros funcionários encontraram igualmente a morte ao serviço do Montepio. E ainda um terceiro official, de apelido Franco, caiu vítima do ataque tífico. Por fim verificou-se a morte de um continuo, de nome Edmundo da Conceição.

Ha quatro anos, desde que vimos observando esta luta travada nas sombras, seis funcionários foram brutalmente aniquilados. No entanto, uma reflexão temos feito varias vezes:—se o Montepio conta três quartos de século, pouco mais ou menos, estabelecendo-se por ano a percentagem ultimamente verificada, quantos funcionários terão encontrado a morte na luta com esse perigoso inimigo?

O facto mereceu-nos cautelosas investigações. Procurou-se o inimigo na disposição de o derrotar. E veio, afinal encontrar-se não um inimigo—mas uma verdadeira legião de inimigos.

O assombro tolheu, um dia, os pobres funcionários. Os seus inimigos eram setenta e quatro—nem menos.

Eram e são os setenta e quatro livros onde é escriturado o movimento dos sócios, desde a cotisação até ás pensões pagas. Vimos esses livros—setenta e quatro calhamaços formidáveis. Todos os dias o funcionário abre os livros, regista neles as cotas pagas, põe em dia a conta corrente que cada sócio tem com o Montepio. O

trabalho exigia, certamente, um grande esforço, pois o funcionário curvando o dorso, tomava as atitudes de um carregador levantando um peso enorme.

Duram ha 67 anos esses livros desproporcionados. As folhas estão dobradas, quebradas, amareladas. Ao fundo de cada folha, uma grande mancha cinzenta—de tons indefinidos. Assentando o dedo sobre a mancha, o funcionário Mandarim prime um botão misterioso e logo as portas do Sanatório do Caramulo se abrem...



—Bravo! Sabem muito da minha vida!

E falando rapidamente, sem desviar de nós os seus olhos de chagal, concluiu:

—Aconselho-os a não se meterem no que lhes não deve interessar. Saíam daqui o mais depressa possível. Os sitios são pouco agradáveis e, ás vezes sucedem desastres tão estupidos... que nunca se lhes descobre a origem...

Baixou levemente a cabeça e afastou-se. Ao chegar á curva da estrada voltou-se para nós e gritou numa voz rouca:

—E até á vista! Voltarêmos a vê-nos!

Desapareceu rapidamente, caminhando a passos largos, enquanto num prenuncio triste brilhava ao sol a mancha sangrenta do seu braçal.

Ouro para Hamburgo?—Mais duas vítimas

Regressámos a Loanda. Na repartição official onde fomos relatar o que sabíamos e o que se passára, ouvimos risinhos idiotas e disseram-nos qualquer coisa, banalidades que transpiravam uma incredulidade irónica.

Seria interessante que se houvesse analisado o conteúdo de 20 caixotes reforçados que, em Maio de 1931, foram despachados

para Hamburgo como contendo «ferragens e maquinismos para reparação... destinados á Casa Koppel & Solmung...»

O expedidor, segundo consta do livro n.º 35, fls. 474 a 476, da «Secção de saídas», da Alfandega de Loanda,—era o cidadão boer Ralf Swit Cardoso.

Que continham, na verdade, êses caixotes?

Ha um facto que nos elucida: No dia 26 de Maio de 1931, dias depois dos caixotes seguirem para a Alemanha a bordo do vapor «Francfort», registados sob os numeros de 283 a 303, foi preso o indigena Antonio Lapari, morador no kilometro 7 e carregador na Alfandega, por «tentar vender algumas pepitas de ouro em bruto», ao Sr. Francisco do Carmo Limiares, comerciante no jardim da Mutamba, em Loanda.

Interrogado, o negro confessou depois de muito instado, que aquêlo ouro «caíra das frinchas duns caixotes que ajudára a transportar para bordo dum vapor alemão»...

Pode constatar-se este facto nos registos e autos policiaes do citado mês e ano.

Mais crimes misteriosos

O mais impressionante é que, seis dias depois, o indigena Antonio Lapari appareceu mor-

to «por doença não definida», na cela em que o enclausuraram, e que, o agente Lucio Simas de Carvalho, que dirigia as averiguações, ao dirigir-se, em diligencia, a um dos postos do Cuangar, faleceu durante a jornada, não de paludismo, como seria de prever, mas de «doença desconhecida, havendo desconfianças de ter ingerido qualquer substância tóxica não especificada»...

E o mistério continua sempre, cada vez mais tenebroso. Todas as noites, bandas de negros trabalham em ignotas empresas nas margens do Lombige. E, de quando em quando, quer em Loanda, quer nos outros pontos da Colónia, embarcam para Hamburgo, alguns caixotes de «ferragens» e, outras vês, como «amostras geologicas» expeditas pelo misterioso descendente do frade negro...

Nota interessante: Desde o caso do infeliz Antonio Lapari, nunca mais os caixotes foram transportados por pessoal da alfandega. Uns carregadores especiais, sujos e semi-nus, falando a linguagem bárbara dos Dembos, surgem não se sabe de onde, a colocar os volumes no porão dos navios.

Hoje, de regresso de Angola, escrevo esta reportagem registando apénas as confidências do engenheiro que occulto sob o pseudónimo de Samuel d'Aguillera e relato, sem fantasias superfluas, o que vi e ouvi.

Pêna é que aquêlo engenheiro já não possa pessoalmente, escrever para publico o seu conhecimento de tão estranho assunto, por haver falecido em 15 de agosto ultimo, nas margens do rio Dand, num «desastre» de caça aos bufalos. Caiu com um tiro que lhe atravessou a nuca.

O engenheiro Samuel d'Aguillera descança na campa 12.376 do Alto das Cruzes, em Loanda, vítima, talvez do muito que conhecia sobre o ouro de Angola.

Talvê seja mais uma vítima cujo sangue péde justiça!

Acuso!... Acuso!...

Consultem-se os documentos, consultem-se os «dossiers» das repartições officiaes, visite-se a extranha moradia da Avenida Brito Godins e será transparente a verdade de tudo quanto deixo registado, provando-se que existe em Angola, graças á sinistra herança do «frade negro», alguém que, como garra de abutre, não só rouba a riqueza nacional como vai juncando sinistramente de cadáveres os sitios por onde passa a sua silhueta angulosa e aleijada. E esse alguém é Ralf Swit Cardoso! Acuso-o!

E' êle o homem da fita vermelha, o herdeiro do «frade negro», o branco que revoltou os Dembos, o ladrão do ouro do Lombige!

FERREIRA DA COSTA

Este número do
"Reporter X" tem 16
paginaas a duas côres,
custa 1\$00 e foi visado
pela Comissão
de Censura

"EX-LIBRIS" DA FATALIDADE

As tragédias que a caixa de rapê dos Tavoras provocou até 1931

O Diamante Azul e o "Cadeado Maldito,"

ESTÁ de novo na aureola de uma apoteose universal o famoso «Diamante Azul». Existem títulos que se banalizam, se desvalorizam à força de repetidos, de explorados. O «Diamante Azul» que teve, há um século, uma corte sumptuosa de lendas (?) bastante seria evocá-lo para que se galvanissem as mais intensas emoções — começou logo a encabeçar centenas de romances, de dramas, de gazetas, de novelas — e até de films — acabando por se nivelar aos logar-comuns menos sugestivos e impressionantes. Despresado por excesso de uso — o silêncio o velou durante muitos anos. Mas eis que ele surge agora, rebrilhante, faúlhando pepitas de estrelas e vibrando toda uma campanha de imprensa.

A história deste diamante — a verdadeira, a histórica, a privada e indiscutível merece ser recordada. Pertencia ele, no século XVII, ao Gran Mangol enriquecendo e orgulhando o tesouro dum dos mais poderosos senhores do Oriente. Ignoram-se os antecedentes e as influências secretas que se lhe atribuíam nessa época. Sabe-se, sim, que um aventureiro francês, uma espécie Mendes Pinto, Jean Joseph Tavernier opoderou-se dele, tentando pelo seu incalculável valor, e vendeu-o a preço inverosímil, a esse reinabado e esbanizador que era Luis XIV da França. Desconhecendo o poder malféfico dessa pedra, o Rei-Sol, emprestava-o aos favoritos — ou favoritas — tendo-o a celebre e formosa Montespan exibido, uma noite, em Versailles. Montespan, julgando-se já no direito de dispor do «diamante azul» — empresta-o a Fourquet, o intendente das Finanças do Reino — e pouco depois Fourquet é fchado na Bastilha... por tempo indeterminado e sob imprevistas acusações! A rainha Maria Antonieta ostentava-o ainda, sobre a seda delicada do seu colo alvíssimo, na prisão do Templo, nas vésperas de subir ao cadafalço. Confiado pela Assembleia Constituinte e guardado pelo Tesoureiro da República — um misterioso assaltante o escamoteia, sem deixar vestígios. Em 1820, reaparece em Amsterdão, a grande cidade dos joalheiros internacionais. É o Judeu Marcoberger que o apresenta — mas só dez anos depois, em 1830, encontra um comprador suficientemente rico, que o adquire: foi Lord Hope, arquimilionario inglês que gastou, nessa transação, uma parte importante da sua quantiosa fortuna. A partir d'então o «diamante azul» ganha a máxima popularidade, desperta a curiosidade de investigadores que farejam dramas anteriores à sua vinda para a Europa. No século XVII, passa de mão em mão, rincando cada vez mais a sua fama de joia fatal. Sabe-se que o «Diamante-Hope» é este o nome com que o trataram, desde 1830 — o Hope significa Esperança... O Sultão-Vermelho — Abdul-Hamdi, o seu ennuco favorito; o príncipe Pontolowsky e por último — nessa época — uma linda vedette das «Folies-Bergères», Mlle Landi, sobre os quais, desabou, inesperada e cruelmente, a lamina da Fatalidade — suicídios, crimes, ruínas, avandonos, dramas — foram coincidências eloquentes dos malféficos do diamante azul. E agora nos Estados Unidos, um milionário americano,

Maç. Lean, que surge heroificando um fait divers de jornal — um drama de sangue em que a esposa, a filha e ele proprio perecem — tinha adquirido, pouco antes a joia fatal, o diamante azul.

Pode-se não acreditar, porque a logica, porque a nossa educação, a nossa razão não permitem transigir com qualquer fenomeno que a sciencia não explique. Mas não conseguimos evitar um frisson de terror



O Gran-Mangol, a quem foi roubado o «Diamante Azul» antes de cair nas mãos de Luis XIV

ante a teimosia da fatalidade unificada assim, através dos seculos, pelo mesmo objecto...

Mas o diamante azul não é um caso unico. Portugal tambem conhece o poder diabólico desses malféficos...

Os nossos leitores não se olvidaram ainda do «Cadeado Maldito» ao qual o «Reporter X» ha tempos, dedicou uma reportagem que fez época e foi discutida do norte ao sul de Portugal. Recebemos, nessa ocasião, basta correspondencia offerecendo-nos elementos inéditos que tornavam mais impressionante ainda a crónica.

A ultima informação que nos dirigiram — assinada pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Acacio Mantas, da Povoá-d'itza-nos que esse cadeado se encontrava, à data da reportagem, em poder de uma cunhada dum empregado do Parque Mayer — que só pela leitura do nosso jornal conheceu a sua influencia diabólica. Atirou-o fóra, como quem se liberta de uma peça de roupa que se incendiou... Pouco depois — uma familia vizinha, gente pobre mas feliz porque a paz reinava no lar e porque o chefe trabalhava o suficiente para que o pão não faltasse, foi acomoda por uma rajada de fatalidade. A esposa — mãe de cinco filhos, honesta sempre através de todos os ataques à sua beleza, cede, sem razão nem amor aos assaltos bruscos dum tenorio repelente. O marido, surpreendendo-os em flagrante, mata a infiel e fere gravemente o ladrão da sua ventura. Uma das balas perde o alvo e alcança uma das crianças. O Seculo publicou, de facto, a noticia do drama, comunicada pelo seu correspondente local e sob o titulo de «Crime de um louco?... Pois bem: um dos cinco filhos, o mais novo, encontrára, na rua, ao traquirar com os irmãos, o cadeado infidélido e levára-o para casa. O pai examinára-o a mãe offerecera-o ao amante...

Coincidencias? Talvez. Coincidencias sim — mas fucias de comprovar. Veiam os jornais de 13 de outubro ultimo... Mas há mais...

Existe um caixa de rapê, preciosa como obra d'arte, que, dizem, pertenceu à familia Tavora. O velho marquez comprou-a dois dias depois de desembarcar em Lisboa — a um italiano Telmo Leonil. Poucos meses rodaram antes que um processo historicamente famoso, que mancha de sangue o nome de D. José e apouca a gloria de Marquês de Pombal, levasse toda a familia Tavora ao patibulo de Belem. A caixa de rapê passou, não se sabe como, para o poder do filho do Marquês que se fere gravemente, nas escadas da casa paterna, onde hoje está a Rua do Seculo. Curado das consequencias desse desastre, offerece-a ao comico espanhol Pablo Gimenez, cuja irmã cortejava. Pablo Gimenez, apenas a usou duas semanas — sendo morto, num encontro nocturno, a poucos passos do Teatro do Bairro Alto. Durante cincoenta anos, ignora-se a sua trajetoria e aparece depois como propriedade da condessa Santamina, esposa dum secretario da legação de Espinha — que morre tragicamente em Lisboa, durante uma caçada real. O marido, a quem revelam as lendas (?) a que a caixa do rapê está ligada — desfaz-se dela offerecendo-a a um creado — Julio Correia Pinto, tio de uma modesta capitalista que um dia tem a ideia de expor na sua loja a aquele objecto, na vaga esperanza de encontrar comprador. Oito dias apenas viveu, após tal infeliz resolução — sendo, ao nono dia, assassinada por Diogo Alves e sua quadrilha! Diogo Alves não a levou — mas algum herdeiro da vitima a vende ao medico Dr. Ribeiro da Fonseca, que enlouquece, em 1862 e em

(Conclue na página 15)

Um formidável escândalo

Refer-se este S. O. S., verdadeiro grito de socorro, às minas do Cabo Mondego. Estas minas são duma incalculável riqueza nacional — e por isso nos interessa o assunto, pois que o Estado somos todos nós — estão em completa ruína administrativa, prejudicando o Estado, os acionistas e o pessoal.

Porque o negócio não dá? Felizmente não sucede assim. Ainda há pouco, como a Companhia não pagasse ao pessoal, este tomou conta dos seus destinos sob a direcção do Administrador do Concelho, e logo houve dinheiro para lhes pagar, para pagar dívidas atrasadas e... ficou ainda saído.

Porque, então, não deu lucro quando administradas pelos proprietários? Que força oculta se opõe à sua competente exploração?

Mas há mais, e aqui já não é um caso da má administração, — antes de escandalosa fraude. A Companhia está oficialmente em liquidação e os seus haveres penhorados pelo Estado, que ali tem importantes capitais cedidos a título de empréstimos e outras formas de financiamento. Pois os productos das minas são vendidos por conta dos liquidatários com prejuizo para o Estado, e para o pessoal que voltou a não receber os honorários.

Justifica-se plenamente o S. O. S. e vem a propósito perguntar:

— Quem acode?... Quem acode?..

A última moda em Lourenço Marques

Do «Lourenço Marques Guardian» transvemos a nota mundana que abaixo publicamos, e que ali saiu no dia 5 de Janeiro para que os nossos leitores possam ver como são diferentes os usos e costumes nos actos solenes praticados naquelas paragens do sol ardente. Podemos garantir que se não trata de gente exótica ou de indígenas semi-elvagos, antes de pessoas do big-life ou capital de Moçambique. Segue a notícia que é realmente engraçada:

«Realizou-se ontem na Igreja da Nossa Senhora da Conceição o enlace matrimonial de Mademoiselle Georgette Thierstein, segunda filha do sr. Alberto Thierstein o de sua esposa, velhos e estimados residentes de Lourenço Marques, com o sr. Dr. Maximiano Coelho de Almeida Cotta, advogado nesta cidade. A cerimónia assistiu grande número de parentes e amigos dos noivos.

A noiva, que ia pelo braço do pai, trajava um vestido de renda Chantilly com tule sobre setim. O véo de tule era apanhado no pescoço com um ramalhete de flores de larangeira. A noiva levava um ramo de agapanthus brancos e fétos.

Acompanhavam o cortejo cinco damas de honor: Mlles. Thelma Thierstein (irmã da noiva) M. Calafate, L. Barles, e M. e I. Santos Gil, sendo estas duas últimas primas da noiva. Vestiam todas encantadores vestidos de georgette de côr de ouro velho, franzidos nas ancas, e levando regalos com raminhos de flores. Os chapéus eram de côr de ouro.

A mãe da noiva vestia um vestido de renda e georgette «tete de negre» e um interessante chapéu de côco com pluma no mesmo tom, levando um bouquet de agapanthus azues e fétos.

Foram padrinhos do noivo, o sr. Dr. Manuel de Mascarenhas Galvão e M.^{me} Ruth Ferreira de Moura Forjaz Gusmão, e da noiva, o Sr. José Alberto dos Santos Gil e M.^{me} Helena Thierstein Romão Duarte.

A ZEITE SANTA CRUZ

O melhor para mesa

RUA DO ALMADA, 179-1.º

TELEPHONE 4998—PORTO



M.^{me} Helena Thierstein Romão Duarte levava um vestido de chirmuseu preto com um chapéu de abas largas, abraçando um bouquet de papilvas amarelas da Islandia.

O vestido de M.^{me} Ferreira Forjaz de Gusmão era de georgette côr verde garrifa com enfeites de tom muito claro e um lindo chapéu de côco verde.

M.^{me} Santos Gil, tia da noiva, vestia uma toilette de georgette verde garrifa com um chapéu de côco preto enfeitado com plumas verdes e pretas.

É de cortar jo. tão brilhantemente enfeitado fazia o mesmo efeito de qualquer parada carnavalesca... até em Lourenço Marques. Imaginem os leitores que procura não teria um jornal ilustrado com estas e outras coisas que jornais de cá e de lá tão memoristicamente relatam... se elas se passarem tal qual as descrivem.

A volta à Europa, a pé

No dia 1 de Fevereiro esteve em Arouca, vindo de Castelo de Paiva o soldado de infantaria Narciso Emílio Domingues, que se propôs efectuar, a pé, a volta à Europa.

É natural de Bequenos de Mouraz. Iniciou a sua viagem, em Lisboa, no dia 6 de Agosto de 1923 e tencionava concluí-la em igual mês do corrente ano.

Contou interessantes peripécias, dizendo ter já rompido na viagem uns 180 pares de botas e 720 pares de calças.

O que acima fica descrito, vimos lo publicado num jornal local, e nada temos que lhe opor. Mas, com franqueza. Mas no dia 6 de Agosto a Fevereiro, nada menos que 7 meses, levou o caminho que vai de Lisboa a Arouca como querera o Narciso Emílio Domingues proferir o resto que lhe falta e tudo — em 6 meses? Não sabemos e parece-nos difícil averiguar-lo, mas pela amostra parece-nos que o nosso compatriota não vai longe... na sua volta à Europa.

O supremo creador

dos seres e dos astros sabia, naturalmente o que fazia, criando para cada animal, um inimigo infalível. O que o gato é para o rato; o cão para o gato e assim por ahí fora... O que sucede nos irracionais repete-se com os homens; e do que se passa com os homens não se esquivam sequer os povos: a Alemanha é o adversário natural, fisiológico, da França, como a Polónia, da Rússia, como os Estados Unidos, do Japão; como — dizem — Castela é de Portugal. Os lobos também tem os seus inimigos naturais. O maior de todos, e o mais lógico, aquele em que se vê a maior nitidez a razão do Deus, é a Companhia Carris. O que esse tiranete de dentes felinos e garras leoninas tem sido para Lisboa é um livro negro do nosso século XX. Mas, águas passadas não moem moínhos da nossa marca e basta nos o que ela é hoje para se fundar um sindicato das victimas dessa «Miss dique de todos os latigos e que goza» — não sabemos porque, um silncio protector dos que deviam dessa cara lá. Mas como nós graças ao Creador, não temos papa na lingua — ela não perde pela demora — tanto mais que nunca precisamos nem solicitamos nunca a minima fineza da M. lady...

E enquanto não estoirmos os diques que a tam poupado a sova mestra que ela pede, com tão bons modos — modelo registado de delicias dalguns seus representantes — vejamos este episodio, a que os jornais diários se referem. Um cidadão cujo nome

não interessa, perdeu, no dia 4, numa travessia de eléctrico, um envelope contendo 840 escudos. Dando pela falta, a... apesar s, no Campo Pequeno, tomou logo outro carro conseguindo encontrar o condutor daquele em que lhe sucedera este preceito. O condutor que era um homem essencialmente honrado não hesitou a restituir o envelope perdido... Pois bem. Um empregado superior da Carris, que assistira a esta scena — enfiou-se e impôs um castigo ao... mau funcionário... Podíamos tirar a conclusão de que, naquela casa, tudo o empregado que se já honrado fica no index... Não levaremos tão longe o nosso comentário... É a disciplina... inglesa. Mas estamos em Portugal — e creio que, nós, portugueses, não temos de nos avergonhar... da indisciplina de um compatriota que se foi indisciplinado — foi admiravelmente honesto.

Tenho juizo, Miss Carris, tenha juizo!

Professor digno duma estátua

Nun colégio particular existente em Arroios, numa lição de português a alunos do 1.º ano dos liceus dada pelo respectivo director.

— O que quer dizer *luz bruxoleante*? pergunta do professor.

— É uma luz fronsa, que brilha de uma maneira trémula, respondeu o aluno.

— Não é nada disso, retorquiu o professor. *Luz bruxoleante* é luz de bruxa (sic.)

Outro exemplo: O aluno dividia orações e, como tivesse encontrado no meio dum pe folio um *que*, preparava-se para a fazer a devida separação, impondo pelas regras gramaticas. O professor interio-peu e disse-lhe: Que vai fazer! não se interesse com o *que*.

Não tem nada que saltar por cima dessa palavra. Inclua-a na oração precedente, como se não fosse um *que*...

O aluno mostrou-se admirado — não fora assim que o tinham em unido na instrução primária — e o professor explicou ent-o:

— O *que* não tem importância. Torna-se necessário é que a oração faça sentido!...

Agora perguntemos nós: — Perceberam?

Mas não existe uma Inspekção Geral do Ensino Particular?

Quereis dinheiro?

Jogai no

Gama

R. do Amparo, 51 - LISBOA

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo

SEMPRE SORTES GRANDES!!!

Em Lisboa como em New-York Uma Giboia que põe em alvoroço um «restaurant» da moda

Não é só a America que serve de palco a *fait-divers* extravagantes e sensacionais. Portugal tambem oferece materia prima para grandes assuntos jornalisticos—daquelles que emocionam os leitores da «Chicago-Tribune».

Ha poucas noites, cidadãos que passavam pela Rua Bernardine Costa, ao Corpo Santo, foram surpreendidos pela gritaria alarmada e pelo alvoroço que bruscamente, os obrigava a fixar a sua atenção no *restaurant* «Paraizo»... Senhoras, cavalheiros bem trajados, individuos em destaque das colonias estrangeiras que frequentam o bairro, viajantes de aristocratica linha de Cascais que resolveram jantar ou passar a noite em Lisboa, todos se agitavam, num reboliço de panico, gesticulando, berrando, alguns conservando ainda entre-mãos os guarda-napos...

O que se pa-sára? Que desastre ou que proeza de banditismo transformára aquêle elegante local lisboeta numa cena de cinema americano? Todos falavam—mas ninguem se entendia. Uma só palavra se destacou do bru-ha-ha e esta bastante eloquente para contagiar o alarme por todo o publico:—«Uma giboia! Uma giboia!» De facto via zig zaguar pelos tapetes um monstruoso reptil — a cuja aproximação todos debandavam...

Eis o segredo da tragedia... O chefe da cozinha do *restaurant* «Paraizo» — um alquimista famoso — o sr. Lino Madeira é homem destemido e vigoroso. A' hora do jantar tendo como de costume a sala apinhada de clientes — atraídos pela fama dos menús e pela barateza dos preços — estava atarefado nos seus preciosos guizados quando escutou um ruido extranho que vinha dum orificio aberto proximo do fogão. Com um espeto do offico alargou o buraco e eis que surge um reptil enorme — monstruoso que os seus ajudantes alucinaram logo de *giboia*. O chefe enclivou nas suas mãos herculeas no corpo do



animal, mas este, fugiu-lhe, elásticamente, escapando para a sala de jantar e provocando o panico já narrado.

Contudo não havia motivos para terror. A fera a que chamaram *giboia* era apenas uma eiroz, como só naquêles *restaurant* as sabem escolher, corpulentas, gigantes — por tal forma que a confusão se tornou verosimil.

Eis um episodio digno da America. Lisboa civilisa-se não só pelas noticias sensacionais que já oferece como pe os *restaurants* da categoria do «Paraizo» que possui...

O Sr. Pawel quer conversa Pois terá conversa

A Lei de Imprensa, que dá iguaes direitos aos homens honrados e áqueles que o não são, obriga-nos a publicar a carta que abaixo segue, guardando nós os comentarios que ela nos sugere agora não publicamos por falta de espaço, mas sim para um proximo numero: No entanto ficam os nossos leitores sabendo, desde já que demonstraremos que o Senhor D. Pawel é um aventureiro internacional que ainda se encontra em Portugal, por mercê de uma injustificavel complacencia muito dos nossos habitos.

Segue a carta com os disparates que o Sr. Pawel entendeu dever escrever — escusa-a de nos recomendar que não alterassemos — e fica assente que o famoso polaco quer conversa — e terá conversa. De resto, a melhor resposta é a própria carta. Diz assim a referida carta:

«Ex.^{mo} Sr. Director Editor e Chefe de Redacção.

Baseando-me sobre o Decreto N.º 12008, art. 53 e 17 sobre a Liberdade da Imprensa, dirijo-lhes esta carta para ser publicada integralmente no seu proximo número, no mesmo logar, com as mesmas letras e SEM NENHUMA alteração ou correção.

Responderéi ponto por ponto á chamada reportagem... sensacional.

— Bem sabem os Srs. que o meu nome é D. Pawel e Não «O». Pawel e acusan-me de mentir!

— De resto é muito ingenuo da sua parte e é abusar da paciencia dos seus leitores, quando na sua exaltação e despeito gritam, que a carta reproduzida ou inspirada confirma o que ha pouco tempo a meu respeito deliberadamente publicaram. Melhor seria analisar sempre as afirmações ou acusações repetidas nas suas colunas, irreflectida ou voluntariamente, para se convencerem do contrario absoluto, bem como do nojo que inspira aos leitores a triste bagagem vocabular e literaria dum revista que pretende entrar nos meios familiares, bagagem que nunca honrou quem a usou, mesmo com razão, o que não é o caso aqui. Felizmente, a minha reputação, pessoal e comercial, basea-se sobre os meus brilhantes antecedentes e não depende das opiniões dos que fariam melhor de cuidar da sua propria reputação. A incorruptivel opinião pública Portuguesa e as Policias competentes tem exclusiva competencia de formular acusações, em harmonia com as leis, perante factos concretos.

— Tenham portanto a coragem de publicar novamente o desmentido da Policia Internacional, reproduzido fotograficamente o «Reporter X» do ultimo NATAL, mas em formato e com letras maiores, mais legiveis!

— Não chega INSULTAR, acusar e repetir fantasias. E preciso citar factos e tambem os VERDADEIROS E UNICOS responsaveis, que os Srs. agora passam sobre um silencio inexplicavel... embora uma promessa, e verdade, verbal de os nomear a opinião pública. O caso da minha pessoa é indiscutivel e o relatorio dos inqueritos da Policia Internacional Portuguesa e da Policia de Investigação Criminal, inqueritos concluidos em base da minha queixa contra os srs. faz fé indiscutivel. Seria uma novidade de facto sensacional que as autoridades Portuguezas?

— Em poucas palavras, o conde Lucatate (LOGOTHETE) foi expulso de Portugal pela Policia Internacional Port. como espião ESPANHOL e Alemão e como escroc e encontra-se agora em Madrid como «INDICADOR» da Policia dessa cidade e não como «funcionario» E ISSO, em *compenção* de antigos serviços de espionagem e do fuzilamento, em França, da sua primeira mulher. Para mais detalhes, queiram dirigir-se á Pol. Inter. Portuguesa, Rua 16 d'Outubro, 45—2.º, Direcção Geral.

— Amigos do tal Conde, residentes em Lis-

Como no Século XVI

(Concluzão da pagina 7)

e oitenta exemplares, expansão famosa... para o século XXI! O orgulho em que os jornalistas catalães celebraram esta data é bem humano!

Tambem nós portuguezes temos um passado jornalístico. Evoca-se, com frequência, a *Gazeta de Lisboa*, que se publicou no século XVIII e que muitos consideram o mais antigo jornal de Portugal. Não! Já em 1627 — ou seja com anos antes — saía, em Braga um *magazine* (que os puristas nos perdem a arbitrariedade do termo) encimado pelo titulo de «Relação Universal». Na capa, sob o cabeçalho, lia-se:

«DO QUE SUCCEDEO EM PORTUGAL»

é MAIS PROVINCIAS DO OCIDENTE & ORIENTE DESDO MES DE MARÇO DE 625 ATE TODO SETEMBRO DE 626 CONTEM MUITAS PARTICULARIDADES & CURIOSIDADES.

ORDENADA POR FRANCISCO D'ABREU NATURAL DA CIDADE DE LISBOA COM TODAS AS LICENÇAS NECESSARIAS EM BRASA IMPRESSO POR FRUCTUOSO LOURENÇO DE BASTO, ANNO DE 1627.

Detalhe curioso e... consolador: «A Relação Universal» que começou por tirar apenas 200 exemplares alcançou, em pouco tempo 450 exemplares. O seu director e redactor era severissimo nas criticas que fazia — floreteando a pena contra nobres e poderosos... sempre que o deixavam Conta-se que o Conde de Melvellez, fidalgo espanhol que veio a Portugal com missões secretas do seu soberano tentou sobornar Francisco d'Abreu para que elle orientasse a sua gazeta ao sabor dos interesses da Madrid. Francisco d'Abreu que era pobre e pobre morreu — expulso de sua casa os que tentavam sobornar, tendo se bido com um delos.

Ah como certas familias se bábam da vaidade ao evocar os feitos heróicos dos seus antepassados jornalistas portuguezes, podemos citar com orgulho o nome desse iniciador do jornalismo nacional, não só pelos seus meritos profissionais mas como pela sua conduta moral.

As tragedias que a caixa de rapé dos Tavoras provocou até 1931

(Conclusão da pag. 12)

condições aflitivas e teatrais. Uma nora desse medico, a sr.^a D. Albertina Mendes da Fonseca, moradora na Calçada de André Valente, 14—exibea na sua vitrine de objectos antigos—e o marido suicida-se no mês seguinte. Novo interregno, nova lacuna de historia—e numa estreia do Teatro Nacional—então D. Maria II—um frequentador dos bastidores oferece, para figurar em scena, a caixa de rapé fatidica; e logo o teatro português perde uma das suas maiores figuras—que era tambem a estrela da Companhia, protagonista da peça—e a artista que, no palco, a usava: Rosa Damasceno. Mais tarde, um adressista do mesmo teatro mostrou a caixa de rapé dos Tavoras ao actor Maia—que era então o galã do elenco—contando-lhe a historia. O actor Maia riu-se e para provar a sua descrença em bruxedos adquiriu-a. Um ano não se passára e lá se afastára da scena—atacado por uma psicose grave, morrendo, louco, numa Casa de Saude. Numa das crises que sofreu, antes de ser internado (saltando da plateia para o palco de um teatro de feira a meio do espectáculo) perdeu a caixa de rapé que foi parar ás mãos do seu colega, Edmundo Notili que falecia, dois anos depois, igualmente victima da uma doença cerebral. O admiravel actor Inácio Peixoto, colecionador entusiasta que era cunhado Notili, ficou com ela após a sua morte. Mas logo prevenido do que tinha succedido—vendeu-a. Contudo—morre em pleno vigor—antes dos 50 anos.

ONDÉ PARA HOJE ESSE OBJECTO FATALISTA? Há quem afirme que o seu ultimo possuidor está ligado ao desastre moral dum rapaz de fina sociedade cujo nome circulou, há pouco pela imprensa. Se assim é—que se desfaça d'ela o mais rapidamente possível: que não tente mais tempo o Destino.

Homens & Factos do Dia

(Conclusão da pag. 3)

citou—afivejou, ao rosto do seu proprio cadaver, uma cura e enuncia expressão de couando. Amado Nervo, o suave poeta uruguayo, que expirou junto á janela do seu quarto recitando versos á Natureza florida e dourada pelo sol do meio-dia—morreu, sorrindo com ternura...

Não é possível argumentar, mesmo com a apparencia de factos historicos, contra o dogma scientifico de um mestre como o Dr. Azevedo Neves. Mas esta revelação infelizmente vai destruir, com crueldade, certas e piedosas illusões: as illusões daqueles que viam na doçura e suavidade fisionomica dos seus mortos queridos a certesa que eles não tinham sofrido os horrores da agonia e de saudade, na hora suprema da partida...

REPORTER X.

As recentes revoltas nos presidios de Columbus e Dartmoor

(Conclusão da pag. 4)

em liberdade, iludindo todas as vigilancias. Assim se foram organisando os diversos comités e planeando a acção que seria apoiada por antigos presidiários cuja presença já fóra assinalada e alarmára a policia das aldeias vizinhas. Os verdaderos conluos realisavam-se durante a missa do domingo em que os presos, fingindo cantar os sagrados salmos, iam passando instruções e iucutando coragem aos mais timidos.

Uma experiência

Às 4 horas da manhã de domingo, os guardas foram surpreendidos por toques de marcha em tambores improvisados, que vinham de várias celas logo seguidos por desordenada vozearia e gritos partidos de todos os reclusos como se um ataque de insonia os houvesse faldado a todos. Mal refeitos da surpresa os carcereiros correram a investigar, mas nada viram de anormal. Voltára o silencio e pelos longos claustros gradeados só se ouviam respirações de quem dorme profundamente. Fóra o sinal de «álerta» e a resposta de «álerta está». A revolta seria nesse dia...

A eclosão do movimento dava-se porem, na parada á saída da Capela e a um breve sinal foi iniciada com furia indiscrípivel. Os guardas mal tiveram tempo de fugir para alem das grades da parada. As armas dos revoltosos eram como as dos presos de «Columbus»—pedras, ferros e ferramentas das oficinas.

Vibraram os presos de louca alegria. Eram prisioneiros ainda, era facto, mas os domadores haviam abandonado a jaula e a sua liberdade já era relativa—quebrara-se a primeira algema da disciplina. Essa certeza deve ter-lhes embriagado deliciosamente. Quasi esquecidos já do verdadeiro fim da revolta, o seu primeiro acto foi correrem ás cosinhas e despojarem as dispensas. Depois satisfeitos o estomago e a tentação de destruir lançada como ideia salvadora um alto grito por um leader de ocasião, levou-os em louca correria a assaltarem o pavilhão onde estavam os arquivos, que continham os cadastros mais

extraordinarios dos destinos mais sombrios e tristes. De tudo fizeram um diabólico «auto de fé».

Cá fóra, no entanto, ia-se organisando a defeza. A cavalaria e infantaria de Devonshire já cercava o edificio. Tu lo a postos, lá iniciarse o ataque contra os rebeldes que esquecidos de tudo, embriagados por uma efemera victoria dançavam com louco ou crentes dum ritual estranho de destruição, em volta do grande braseiro incendiário.

Não foi muito difficil a luta. Fortes esquadras de policia, armados apenas com os celebres «cace-tetes», avançaram resolutos para dentro da jaula, transformada em arena e corpo a corpo, n'uma lucte heroica! Conseguiram dominar os amotin-dos. Poucos mortos mas muitos feridos, de parte a parte.

A heroicidade e abnegações dum presidiário

Durante a rebellião o Governador do Presidio foi s'lvoo pela corajosa intervenção d'um forçado, que a—pesar—de tomar parte no movimento insurreccional, achou inutil um attent-do que não dignificaria a revolta que tinha já f'lhado para os fins que a inspirar-am. Este mesmo condemnado a pena perpetua, foi depois dos que mais encarniçadamente se bateram contra a policia. E a—pesar—disso porem, vai ser indultado pela notavel prova de coragem e lealdade e sangue frio demonstrados. Foi o n.º 28.312 George Donovan de 33 anos de idade. E este exemplo dignifica os presos.

Quando se multiplicarem as escolas e os hospitais, talvez diminua essa fauna de feras humanas que hoje ha a triste necessidade de se questrar longe das vistas do mundo.

Mas para essas victimas do desterro pode haver já alguma generosidade mais, mesmo em nome dos rigorosos principios morais que a sociedade de defende.—Luiz Lupi

Um invento escamoteado

(Conclusão da pagina 7)

na manipulação do novo produto nos laboratorios daquêle estabelecimento e que elle não poderia chamar-se «Vitaminol», como a sua autora desejava, por já haver registado na respectiva repartição um outro produto com o nome «Vitaminol», portanto de facil confusão, mas que o novo medicamento se chamaria «Vical».

No dia 21 de Setembro recebia aquela senhora uma carta do Instituto Pasteur, reproduzimos na gravura que ilustra esta reportagem,

O sr. Pawel quer conversa

—Não sei se ainda se deve admirar do facto de uma revista acolher nas suas colunas dizes e, num estilo que L. de Camões com certeza menos conhecia. Desprezo de responder ao tal Arthur Morais Gonçalves o qual POR FORÇA quer fazer o reclame da sua filha ou entiaça, mas, quem quizer esclarecimentos, pode pedir-las á Policia Internacional, a qual possui um memorandum in extenso sobre este assunto... ridiculo.—

Não penso perder mais tempo e nem sequer penso gastar dinheiro com polimicas jornalistas. Podem portanto juntar os comentarios que quizerão. Serão sempre... insultos, não s'ó á mim, mas tambem aos leitores desejosos da verdade. Nada mais tenho que dizer.

(a) D. Pawel

Alvaro Anselmo

na qual, como é facil vêr-se, se confirmam as combinações feitas verbalmente e se estabelecem as condições para o negocio se fazer. Em resposta a essa carta, a interessada respondeu em 28, concordando com as condições postas naquelle e enviando a formula da sua descoberta, para os respetivos ensaios.

Passados tempos, aquella senhora foi ao Instituto Pasteur saber o que havia e o tal senhor Leftão entregou-lhe um frasco cheio do produto por ella inventado, mas manipulado no Instituto, ao mesmo tempo que lhe dizia que o negocio já não interessava ao estabelecimento.

Pouco tempo volvido, e o Instituto Pasteur apresenta no mercado um novo produto, de formula absolutamente igual á descoberta por aquella senhora, tendo apenas a differença-las, para não cair na alçada da lei, o nome e a froca dum dos componentes. Aonde a senhora inventora do «Vical» pôs Vicalgal, produto carissimo e muito rico em vitaminas D, o Instituto Pasteur pôs Ergosterina irradiada, produto tambem rico daquellas vitaminas, mas mais pobre do que o Vicalgal, com a agravante de se prestar a fraudes, pois pôde não ser irradiada, o que já lhe antiqua todas as qualidades.

Têm ainda uma outra differença os dois produtos: o inventado pela senhora a que nos referimos é emulsão, e o do Instituto, é pastoso.

Está, pois, provado por A mais B, que o Instituto Pasteur de Lisboa levou uma pessoa que se lhe apresentou confiada na fama do estabelecimento sério de que está possuido, pois se valeu do trabalho dessa pessoa para, com minimas alterações, lançar no mercado um produto absolutamente identico.

E quem dá providências?

Fixador
NALLY



*Doma os cabelos d'uma ma-
neira absoluta*